5.º ANO LISBOA—QUINTA-FEIRA, 9 DE ABRIL DE 1925 N.º 1228

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:19/ Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

SEMANA SANTA

A PAIXÃO

Os homens andam sempre em busca da felicidade, quando erguem os seus olhos para o céu ou firmam os seus passos na terra.

Raramente a encontram, porque a felicidade ilumina simplesmente os nossos desejos, não se deixando prender neles.

Nós temos a impressão de que ela, ás vezes, se inclina para nós, como as mães sobre a inocencia dos seus filhos.

Se abrimos os olhos para a ver, desvanece-se.

Ha quem se resigne a passar sem ela, vivendo no desespero ou numa imensa tristeza, á face dos mares da vida, como se contemplasse em cada onda a repetição monotona do mesmo clamor de naufragio.

Os que assim abdicam da sua alma, abandonando o seu coração á magua do infinito, cortam as suas relações com o mundo e debruçam-se sobre o nada—a profunda cisterna de sombras em que a historia dos povos se confunde com as cinzas das coisas.

Esta atitude de renuncia orgulhosa, desdem ou desconfiança, perante as quimeras que a luz cria e o pensamento converte em constelações, não é humana, visto que nós fazemos parte do universo e o universo é tão forte e vivo que rompe todas as barreiras que se ergam entre ele e as altas torres em que se refugiam os sabios.

A voz da tragedia, mesmo quando se alucina para gritar que o amor só tece as cadeias em que se captivam os herois, proclama a existencia de poderes ocultos que interveem nos nossos destinos.

Se nós pudessemos conter as nossas aspirações na conquista do pão que nos alimenta, construindo na materia o berço e a campa, ha muito que a rasão e o sentimento teriam encontrado, como as pedras e as arvores, o seu equilibrio.

Porque não cessa a sua inquietação, o seu tormento na demanda de caminhos ignorados?

E' que o homem, a mais delicada e fragil das vergonteas terrestres, traz comsigo o dom da adivinhação.

O universo, que desenrola no espaço sem limites a sua ancia imortal de ser e não ser—astros que surgem de nebulosas e nebulosas que absorvem as derradeiras pulsações das estrelas moribundas—confiou de nós, do nosso instinto, da nossa penetração racional e religiosa, a interpretação do misterio que lhe agita o seio—a sua historia, os seus poemas, os seus noivados, as suas harmonias e á plenitude da sua graça.

Se o homem canta, soluça ou ri, não aborda um tema egoista, pois os seus cantos, os seus soluços ou os seus risos são de inspiração universal.

Tudo quanto existe obedece á mais intima solidariedade.

As lagrimas dum pária pertencem a um sofrimento tão vasto que ninguem lhe conhece os limites.

Os crentes, quando oram, embora falando de si, levam até Deus uma suplica que se deprende do orbe.

Se nós conseguissemos manter a nossa sensibilidade num estado de total limpidez, de maneira que o sopro de todas as coisas a tocasse como o sol, em pleno meio dia, a poesia brotaria de nós espontanea e ardente, lançando as suas estrofes na amplidão, sem que a sciencia ousasse contestar-lhe a sua supremacia.

Porque não é assim? Que força nos impede de usar de uma liberdade que nas aves é natural como a sua propria plumagem?

O homem é um complexo de elementos contraditorios e hostis que lutam uns com os outros, num duelo de vida e morte.

A perfeição conquista-se, sacrificando impiedosamente o mal ao bem.

Infelizmente a arte de vencer, neste dominio, em que os soldados são por igual filhos da nossa carne ou do nosso espirito, não depende exclusivamente de nós.

Dos apetites humanos nascem as paixões e estas querem proceder como fatalidades.

Quem não ousa fazer-lhes frente, é arrastado para o pior dos suplicios—o da criatura que se condena a si propria a ser vitima de um senhor que se nutre de covardia.

Em certas epocas, as multidões sentem-se vergadas a um jugo tão aviltante.

A existencia mergulha na dor, morna como um pantano em que apodrecem lirios e almas.

O drama dos seres torna-se mais escuro que o das raises.

As esperanças que nos ligam á prodigiosa sinfonia dos mundos fenecem no nosso peito, sem o arrôjo dos grandes vôos.

Sendo o homem tão rico em dons que dele se pode dizer que resume as maravilhas da criação, como se concebe que seja o monumento de todas as miserias?

A' semelhança das raças preguiçosas e ignorantes que não sabem cultivar o solo que pisam, o homem entregue a si proprio, sem um mestre ou um guia, não sabe aproveitar-se dos tesouros que o seu seio encerra.

Desvaria-se como um louco, quando não tateia tremulo como uma criança.

Se alguem lhe pregunta: «Para onde vais?»—ele confessa, na confusão variada das suas respostas, que busca a sua estrada, na maior incertesa.

E a sua angustia chega a crescer tanto que, descrente da sua marcha, preferirá encostar a cabeça a um velho e rugoso tronco, a fim de junto dele adquirir a paz inalteravel dos cedros e dos platanos.

Será isto, porem, uma solução?

Ninguem acredita em tal.

A vida tem uma medida que lhe foi fixada como lei da sua origem e desenvolvimento.

Não está na nossa mão modificá-la para mais ou para menos.

A alegria que rompe de nós, nas horas em que se restabelecem os elos da simpatia que vincula os homens ao Universo, só é plena e pura, quando atinge o nivel em que o coração e o cerebro se acham em perfeito acordo.

No tempo em que Cristo veio ensinar-nos, na mesma formula eterna, a liberdade no amor e o amor como expressão inalteravel das nossas aspirações supremas, nem a inteligencia nem o sentimento nem a consciencia conheciam a lei da sua acção.

O paganismo corrompera-se, esgotando-se como animador de nobres gestos e de invenções beneficas.

O homem sofria, por não saber renovar-se na sua necessidade de crer.

Crer em quê? Que turvação era essa que se insinuava misteriosamente no seu ser, obrigando-o a interrogar os deuses mortos, em busca d'um outro Deus que se presentia, posto que ninguem se atrevesse a nomeal-o?

Cristo, filho de Deus, era a Revelação.

Pregava, ensinava, rompia os veus do Templo, mostrando para além d'ele a Verdade.

A politica, o erro, a rotina e os interesses associaram-se para o acusar.

Cristo morreu n'uma cruz.

A cruz ficou na memoria e no culto dos povos, como sinal de redenção.

A sua Paixão marca o termo d'uma antiquissima escravatura—a do homem ás suas sombras interiores, a da alma aos seus odios.

Jesus Nazareno
(Quadro que se presume ser do grande pintor Morales e que se encontra em Alcalá de Henares)

Outra carta

O livro português em França

Do sr. Albino Forjaz de Sampaio recebemos, respondendo ao nosso amigo sr. José Oliveira, a seguinte carta:

«Meu caro Alvaro de Andrade: A ultima, tem paciencia. O sr. Palguirolles publicou um artigo em que se dizia que não existiam em França traduções de livros portugueses. Eu respondi, publicando uma carta em que citava muitos escritores portugueses em França traduzidos—nenhum vivo. Vem depois o sr. José Osorio de Oliveira e diz que eu não lhe citei o nome da mãe e que o fiz propositadamente. Justifiquei-me, dizendo que nada vinha a proposito o nome da sua progenitora, o que se demonstrava não representando isso menos consideração por ela. Ontem, porem, o sr. Oliveira diz que não crê nas minhas razões. Eu não citei, mas devia citar. Devia defender os interesses de que ele, como bom filho, vive, pois são os de sua mãe. Diz mais que o mano nunca me considerou, (quem será o mano?) e que ele cortou ralações comigo «ha uns poucos d'anos». Mais abaixo elucida que *tinha três anos* quando eu já era traduzido. Que mundo de coisas novas nos cerca, sem que a gente dê por ele!! Ora eu, palavra de honra, se me não lembro de lhe ter comprado linguas de gato, tambem—assim Deus me salve!—me não recordo de lhe ter dado algum cascudo que ele merecesse. Por isso, não deduzo de onde lhe veio aquela birra de cortar umas relações que nunca existiram. Relações, relações mesmo, heim?! O cafesinho ameno, o tu cá tu lá; viva o luxo! Pobre infeliz de mim que nunca dei por tal.

Quanto a lusofilos, concedido. Ele conhece tudo. Que portento, que talento de rapaz! Ele é o Vitor. Ele é o Goran. Ele é o Storck, ele é o Sampaio, ele é o cair da folha, ele é o Bous da Tcheco-Slovaquia e mais o Kjersmeier da Dinamarca «e ainda outros na Espanha, na França, na Italia, na Inglaterra e noutros paises mais». Ele sabe tudo, fareja tudo, conhece tudo de 1904 para a ré até ao conde D. Henrique e de 904 para vante até Cascais. E' o que se chama falar de papo, papar de polpa. Que penetra!! Se eu soubesse que ele sabia tanta sabença, saibam todos que gara fugir me não sobejariam solas. Safa! O que me não deliciou aquele rasgo de genio: «todas as linguas do mundo e mais uma». Que saber

Tudo esta certo, meu Andrade, menos o Vitor. *Um Vitor* lhe chama ele. Ninguem acredita essa. Vitor e Bjorkmann alemão sabendo o português. Não será daqueles que se vendem nas Caldas?

Eu, meu caro Alvaro, é que já estou velho para folias. O sr. Castro Osorio tem sangue novo e quere brilhar. Quere pelo menos ser o ultimo, fazer muito ruido com as azas para se dar os ares de vencedor. Faz-lhe a vontade. Publica-lhe o que ele quizer. Eu estou nevralgico e dormirei melhor com a sua furia grande e sonorosa.

E nem que me passe, eu piarei. Diz-lhe... que eu fui para o estrangeiro. De lá lhe enviarei revistas para que ele possa escrever as suas cronicas, recomendando-lhe tu que as não traduza muito á letra. Para ti, qualquer mascote para que te livres dele. De mim já estas. Nem por um decreto me tornam a agarrar. Teu do coração, *Albino Forjaz de Sampaio*.

O 9 DE ABRIL

Notas

á margem sobre o ataque ao Forte d'Esquin

O inimigo quiz tomar Esquin empenhando nele três assaltos sucessivos. Na nossa esquerda, em Fauquissart, onde o ataque foi mais violento quiz levar na sua frente tudo de vencida com o direito que lhe dava a iniciativa dum ataque tão formidavel. Eram os ultimos vôos, os ultimos arrancos da Aguia teutonica que mais tarde Foch havia de ferir mortalmente.

O pequenino Fort d'Esquin, apenas um simples entrincheiramento fechado não resistiu ao bombardeamento que em breve o arrazou.

Porém, no meio daquelas ruinas, quando o inimgo avançava varrendo tudo com as suas metralhadoras, outros metralhadores se lhe opuzeram, os do 4.º G. M. P. do C. E. P. (5.º Grupo de Metralhadoras de Combra) que varreram e repeliram energicamente dois dos seus ataques caindo, porém, vencido ao terceiro quando dos seus homens ninguem restava e as munições se haviam esgotado.

O ultimo a morrer agarra. heroicamente á sua metralhadora, desprezando o diluvio de metralha que o rodeava foi Manuel da Silva, soldado n.º 233 da 1.ª Bateria, natural da freguezia de Satan, concelho de Vouzela. E foi tamanho o heroismo deste homem, foi tamanho o assambro que a sua valentia produziu no espirito do adversario que matando-o por ultimo colocaram na sua sepultura a mais honrosa inscrição do C. E. P.: *«Hier Ruht ein Tapferer Potugiese Kriger»*: *«Aqui jaz um valente guerreiro Português»*. Unica inscrição com o adjectivo *Tapferer*, adjectivo que, no dizer de alguem era frequente em algumas sepulturas de alemães, que tinham a Cruz de Ferro.

Manuel da Silva, bem como a sua unidade que naquela nevoeirenta manhã deixou mortos no campo da batalha 50 por cento dos seus oficiais, dos oito que a compunham, ficando ainda trê dos restantes prisioneiros, não tem uma recompensa, um unico agradecimen da Patria reconhecida pela sua valentia. Serão cobardes e traidores os que morreram no seu posto de honra ou nele resistiram até cairem prisioneiros?

Na Tilelloy

Na Tilelloy duas posições do mesmo grupo fizeram fogo sustendo a marcha do inimigo por uns 20 a 30 minutos, até serem tomadas de assalto, a granada e á baioneta. As suas guarnições feridas recusaram-se a receber curativo para que as suas metralhadoras não tivessem um momento de descanço permitindo a passagem dos alemães.

Na faina do serviço o 2.º sargento José Pinho dos Santos, com a mascara rota apanhou tamanha dose de gazes que ha bem pouco tempo veio morrer no Porto vitimado pela tuberculose que desde então o minava. Dizem-me que deixou mulher e filhos na miseria. Não terá a Patria uma codea de pão, ao menos, tão negra como a que ele rélhou no seu captiveiro na Alemanha, para matar a fome á mulher e aos filhos daquele que foi vitima da sua dedicação, da sua coragem, do seu heroismo pelo bom nome da Terra Portuguesa?

Os feridos

Ao fazer a continencia sabendo-me oficial, disseram-me os alemães que dirigisse a evacuação dos prisioneiros feridos o que prontmente comecei a fazer debaixo de fogo das minhas metralhadoras do Fort d'Esquin.

Dentre os que necessitavam de curativo mais urgente havia um que se estorcia com dores horriveis por ter um pé esfacelado. Uma maca se improvisou com um capote e umas varas e sendo me advertido que não podia eu ir ao Posto de socorros para evitar aglomerações nestes locais enormemente concorridos pelos que deles haviam necessidade, pedi a um oficial alemão que com um braço perfurado por bala de metralhadora para lá se dirigia, a fineza de conduzir a tratamento ao meu ferido, ao que ele prontamente acedeu, dizendo-me mais adiante ao passar pela car..ana de prisioneiros, onde eu ia incorporado, que tinha ordenado curativo ao meu ferido antes de se tratar ele proprio. Deveras simpatica e cativante foi a acção deste oficial alemão a quem rendi os maiores agradecimentos.

Na nossa primeira linha

O chão juncado de cadaveres, feridos aos montes. Um improvisado Posto de socorros alemão faz os curativos na nossa 1.ª linha. Entrego os meus feridos. Fala-se francês. Um enfermeiro de faces rubras olha piedosamente para estes despojos do campo de batalha e diz: «Que tristeza que é tudo isto». A Alemanha estava farta de guerra. Desejava o seu termo, como o condenado o fim do captiveiro, como as Almas do Purgatorio o fim de suas penas.

Na Terra de Ninguem

A nossa artilharia ainda faz fogo. Formações alemãs desfazem-se, andando ou do a monte. O meu ia faz a continencia e diz ao oficial alemão que passa que eu sou oficial. Aquele dirige-se-me e faz uma prussianica continencia a que eu correspondo. Conversamos. «Amanhã, diz ele, estaremos em Paris. Os nossos comunicados de ontem, garantem-nos para amanhã a tomada daquela cidade a cujas portas estamos. Será o fim da guerra, felizmente». Eu pasmo da sua crença porque sei os esforços que temos empenhados para opôr um dique á onda germanica, e digo-lhe que os nossos comunciados da vespera gaantiam que nunca eles tomariam Paris... que ainda dela estavam muito longe... que os seus comunicados não eram certos. Ele sorriu com amargura. A duvida penetrou no seu espirito. Vinham eles enganados? Não seriam estes os ultimos dias de guerra? Estaria então muito longe ainda a tão desejada paz? Fala-me do colosso de tropas e canhões empregados contra nós — tão poucochinho — e eu calo-me pensando na colossal desproporção de forças. Diz-me que chegaram em comboios e camions que despejaram esta manhã nas linhas, fresquinhos como alface, depois de uns meses no mais absoluto repouso. E eu penso na fadiga dos nossos homens.

Despedim-nos com um amigavel «shakeends». Ele seguiu com os seus soldados para a fornalha, eu com os meus para o captiveiro e para a fome.

Era com estas esperanças, com semelhantes promessas que o militarismo alemão tentava esmagar a onda daqueles que nos diziam nos campos de prisioneiros: «Finish guerre, Kaiser et capitalistes capute»... cabeça fóra».

Tenente AFONSO DO PAÇO

Mundanismo

A Caridade

«Adão e Eva»

Realizam-se definitivamente nas noites de 16 e 17 do corrente, no teatro de S. Luiz, as recitas de caridade em que será representada por distintos amadores a revista feerie «Adão e Eva», da autoria do sr. dr. Francisco Paes de Sande e Castro, com musica do sr. Armando da Camara Rodrigues, cujos ensaios de apuro se têm realizado sob a direcção do actor-empresario Armando Vasconcelos.

A troca dos bilhetes provisorios pelos definitivos far-se-ha para a primeira das recitas na tarde de sabado de Aleluia, dos 3 ás 6 da tarde, no Jardim de Inverno do teatro de S. Luiz. A ilustre comissão promotora lembra aos possuidores dos bilhetes provisorios, que estes não dão entrada no espectaculo e que não sendo trocados no sabado pelos definitivos, perdem o direito á sua inscrição.

Os poucos bilhetes de plateia que restam para a segunda das recitas devem ser requisitados para casa da senhora D. Eulalia Séles de Sande e Castro, rua 1.º de Maio, 103.

Casamentos

Pela sr.ª D. Maria Izabel Nobre dos Reis, esposa do sr. José Antonio dos Reis, foi pedida em casamento para seu filho João a sr.ª D. Alda Germana Nobre, gentil filha do sr. Telmo José Nobre e irmã da sr.ª D. Alice d'Almeida Grandela, esposa do sr. Luis d'Almeida Grandela. O casamento deve realizar-se por todo este ano.

—Realizou-se o casamento da senhora D. Maria Irene de Magalhães Simões Costa, gentil filha da senhora D. Maria José de Magalhães Costa, já falecida, e do sr. Rodrigo Simões Costa, com o sr. Adriano Carlos de Oliveira Durão, filho da senhora D. Helena Etelvina Campos de Oliveira e do sr. Roberto Sardinha Durão. Foram padrinhos, por parte da noiva, seus primos a senhora D. Maria Julia Reis Costa da Cunha Rodrigues e seu marido o sr. Leonildes da Cunha Rodrigues e, por parte do noivo, seus tios a senhora D. Clotilde Durão Viegas Calçada e seu marido o sr. dr. Antonio Viegas Calçada.

Após o registo civil, que se realizou na Filiteira, na linda vivenda da senhora D. Cristina de Magalhães, avó da noiva, seguiu-se o acto religioso, que se celebrou na igreja paroquial de S. Pedro, em Dois Portos. Em seguida á cerimonia, que teve um caracter muito intimo, serviu-se na residencia dos noivos um finissimo copo de agua.

Na «corbeille» da noiva viam-se valiosas prendas.

Os noivos fixaram a sua residencia na Filiteira.

Carta de Castelo Branco

Como dizia na minha ultima carta, a senhora D. Maria José Ordaz Caldeira Pinto Cardoso e o sr. José da Cunha Menezes Pinto Cardoso, ofereceram ontem, na sua magnifica casa da quinta do Vale de Rameiro, um explendido jantar, seguido de «raout» solenisando o aniversario natalicio do dono da casa, o qual decorreu sempre no meio da maior animação e alegria.

Ao jantar foram convivas as senhoras:

D. Maria da Penha da Fonseca Ribeiro e Sousa, D. Beatriz Caldeira Soares Mendes da Fonseca Ribeiro e Sousa, D. Maria Tereza Valejo Soares Mendes, D. Maria da Piedade Ordaz Caldeira, D. Alice Nunes Coelho, D. Maria da Piedade Camejo Proença Saraiva, D. Alda Miranda Barroso de Sousa, D. Ana, D. Maria Rosa e D. Maria de Lourdes da Cunha Menezes Pinto Cardoso.

Ao «raout» assistiram, além dos convidados do jantar, mais as senhoras:

D. Berta Mourão de Albuquerque Mereira e filha D. Maria Herminia; D. Ricardina Lopes Tavares, D. Maria da Graça Seabra Ferreira, D. Adelia Pereira Ribeiro de Almeida, D. Maria José e D. Maria Leonor de Carvalho Afonso dos Santos, D. Manuela Rubio Lopes, etc.

Pela uma hora da madrugada foi servido na sala de jantar um finissimo «chá», retirando-se depois os convidados verdadeiramente encantados com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram os ilustres donos da casa, que mais uma vez puzeram em evidencia as suas fidalgas qualidades de caracter.

Para hoje está organisado um passeio de automovel ao Fundão, e á noite uma sessão cinematografica na quinta da Fonte Nova, onde se exibirão varias produções organisadas pelo distincto operador-amador sr. dr. Manuel da Fonseca Ribeiro e Sousa, a que depois me referirei.—«D. Nuno».

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos—A's 21,30—«O Sinal de Alarme».
Nacional—A's 21,15—«O Abade Constantino».
Trindade—A's 21—«As Tangerinas Magicas».
S. Luis—A's 21—«Rato de Hotel».
Politeama—Não ha espectaculo.
Avenida—Não ha espectaculo.
Apolo—Não ha espectaculo.
Maria Vitoria—Não ha espectaculo.
Eden—A's 20,45—Variedades e animatografo.
Salão Foz—A's 20,45—Variedades e cinema.
Bal-Tabarin Montanha—Variedades.
Salão Alhambra—A's 21—Variedades.

ANIMATOGRAFOS

Coliseu dos Recreios—A Vida de Cristo.
Tivoli—Avenida da Liberdade.
Olimpia—Rua dos Condes—«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse—Rua Antonio Maria Cardoso.
Cinema Condes—Avenida da Liberdade.
Salão Central—Praça do Restauradores
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente—A' Graça—Domingos, Segundas, Quintas e Sabados.
Cine-Paris—Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora—Largo do Calvario.
Eden Cinema—Rua do Alvito.
Salão-Rocio—Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem—Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise—Gampolide—Quartas, quintas, sabados e domingos.

Declaração

O abaixo assignado, comerciante desta praça, declara para todos os efeitos não se responsabilizar por quaesquer dividas ou emprestimos contraidos, sob que pretexto fôr, por seu filho Januario Augusto Fontes Nogueira, quer sejam em seu nome, quer em nome dele signatario ou de qualquer pessoa de familia.

Lisboa, 9 de Abril de 1925.

Januario Esteves Nogueira.

(Segue o reconhecimento)

OPINIÕES LIVRES

PAGINA de Quinta Feira

por Norberto de Araujo

9 de Abril: Quinta-feira Santa de Paixão

Quinta feira Santa — 9 de Abril!

Parecem dois e são um unico assunto. O 9 de Abril foi a quinta feira santa da paixão dos portugueses.

Nem literatura, nem derrotismo. Não cabe o derrotismo na minha fé, sempre presente, em coisas de soldados de Portugal, á margem do espirito militarista, que não topo como uma necessidade na vida sagrada dos povos.

O militarismo não tem nada com um soldado. Um povo pacifico pode em vinte e quatro horas levantar-se como um exercito. E pode não ser o espirito militarista que o levanta, mas sim um desesperado amor de liberdade ou de independencia, a sede de vingar uma afronta, e até o impeto paradoxal de prestar culto á ideia belissima da paz.

O 9 de Abril foi a Cruz de um Calvario. Têm os povos estes Calvarios, e não ha fugiu-lhes. A guerra — estava nas profecias. O soldado, elemento humilde do povo, levado pelos «elites» da politica e de caserna, quando vai á guerra, como nós fomos, é um Cristo.

Morre em glorificação para redimir. E é talvez porque naquela guerra, em mais do que nenhuma outra, o crucificaram, que Augusto Casimiro, como se diz do Nazareno, poude dizer:

— Os mortos não morrem nunca.

* * *

Ha no soldado de todos os povos, e sempre e ámanhã, duas especies de valentias, ás vezes reunidas: a que vem da consciencia, a que vem da alma.

A primeira, cria-se. A segunda está inata na organização perfeita, heroica, legendaria, poetica do homem português.

Na grande guerra o soldado povo, afóra os cabos relidos e tocados do fenomeno moral que põe os politicos ao de cima do Himalaia das responsabilidades historicas — e disto aqui não curo, cabendo-me dizer, todavia, que compreendi e defendi a participação —; na ultima grande guerra, o soldado — povo português só tinha de possuir a valentia de alma — e teve-a.

Morrer! Aquilo era bem uma guerra de morrer! Na grande guerra, os portugueses, principalmente, não eram bravos quando queriam.

Mas quando os deixavam ser. Era uma guerra de sonhadores das batalhas, de politicas da militança, de inteligencias de prudencias, de habilidades — de genios do expediente.

De modo que tanto importava que nas acções isoladas, em que o nosso todo participava como um infinito zero — saisse ou não vitorioso.

O conjunto, a finalidade — é que era a vitoria. E nós, na nossa vontade pessoal de cada soldado e colectiva de cada unidade — eramos um pó.

O 9 de Abril foi um episodio. Linha de um grande livro, verso de uma grande tragedia. O verso podia sair ou glorificador ou lugubre.

Os que dizem que o 9 de Abril foi uma derrota — não sabem o que dizem.

Os que afirmam que foi uma vitoria — não falam a verdade perfeita.

O que foi, indiscutivelmente, foi uma linha de poema — uma pagina, se quiserem. E vitoria ou derrota, ela era apenas um episodio minusculo, um som profundo ou estridente do infernal concerto da batalha unica, que levou quatro anos.

Coube-nos a nós, porque somos belos e fortes e dignos e ingenuos, a parte dolorosa da campanha.

A gloria e a honra não têm nada que ver com estas coisas. Nas grandes vitorias de facto — ha covardias que a sorte encobre e veste de pomposas galas de heroismo.

Nas grandes derrocadas é que a honra se expõe, e a gloria, sem hinos de clarim, sobe do conflito ensanguentado ao ceu da historia, que ha-de fazer-se, menos altiva, mais purificada.

O ultimo capitulo da grande guerra precisava de uma morte e paixão. Fômos nós que fornecemos o Cristo.

* * *

A cronica exacta, tecnica e militarmente exacta do 9 de Abril não me interessa.

O que nós sabemos é que, levados os portugueses ao fogo em nome do interesse politico da Nação — eles foram.

E para que chegasse a Hossana da Pascoa para os aliados, os soldadinhos portugueses, que não defendiam a terra da sua patria nem uma afronta directa aos seus direitos, arrastaram-se, com a Cruz ás costas, por todos os passos do Calvario da Flandres!

A sua bravura não era consciente — sob um ponto de vista de moral politica. A alminha simples e lirica dos nossos peitos, forneceu no Passo Doloroso da Paixão a bravura primitiva e imaculada dos heroisanonimos.

Morreu-se ali sem gloria. Sem a gloria do quadrado de Africa, sem a gloria fulgente dos quadros romanticos de Waterloo e Alcacer Kibir.

A gloria que nós atribuimos ao soldado português, e aos seus chefes da mesma alma amassada de esprito de sacrificio e de prosapia legendaria, criamo-la nós depois, não por artificialismo patriotico, mas por um sentimento de justiça historica, que, negada por derrotistas profissionais vive cada, vez mais digna e mais pura, mais escultural e mais perfeita na inteligencia calma de todos nós, que temos obrigação de ver claro.

E' da Paixão de Cristo que rezultou a gloria da Igreja.

Não podemos negar ao exercito português a gloria de ter sabido sacrificar-se. Aos soldados anonimos cabe a gloria, mais bela que o triunfo ocasional, de terem sabido morrer.

Não vou afirmar que os nossos soldados estavam abandonados. Isto dizem os politicos e os militares, que sabem o que é isso, de estar uma fôrça de homens fardados na linha da morte mais do que o tempo que lhes é devido, na sua quota parte de serviço á sombra de uma bandeira.

O que eu relembro agora, pelas narrativas dos escritores e dos cronistas, pelo que li dos relatorios e das conferencias, é a serenidade com que os nossos homens se sacrificaram nesse manhã de nevoa e de fogo.

Eram rapazes todos, todos, todos os que morreram. A morte na guerra é gulosa de beleza.

Não lhe serve senão a mocidade, cheia de sonhos e de romances da Tavola Redonda.

Se fôsse possivel arrancar um vinho das cepas novinhas de um campo morto de batalha — a gente ficava eternamente loucos. Eternamente sonhadores!

Eternamente poetas!

O soldado Cristo, com vinte e três anos — mais novo que o Filho de Maria — saiu da sua aldeia, da sua varzea humida de malmequeres, ajoujado de moxilas e de ferramentas de guerra. Meteram-no no comboio, depois alinharam-no no cais, depois enfiaram-no no navio. Depois desembarcou sob a neve e tomou outro comboio. Depois camiões, depois estradas batidas da desolação dos fogos. Depois — o Passo eterno e gelado das trincheiras. E isto durou, durou, sem «bravura consciente» numa estagnação de virtudes heroicas, *que não havia lugar para elas.*

O que ele levou consigo de imutavel e de imaculado, não foi o odio ao inimigo, não foi a sêde de vingança, não foi a atracção atavica da luta, não foi sequer a Fé numa bandeira, a confiança numa vitoria.

Foi a sua alma branca, com um grande malmequer, a desfolhar petalas de saudade lirica, de amores deixados pelos valados das aldeias, pelas gares do Minho e Douro.

Alma doce, gracil, adoravel de eterno amoroso! Tudo isto é igual a sonho.

Ele não escrevia: «Meu pai; a guerra cá vai, e a gente hade ganhar...»

Ele só sabia escrever: «Maria do meu coração. Lembro-me de ti, tenho *saudades* tuas, e na volta havemos de ir ambos os dois aos pés de Nossa Senhora...» Ou então: «Minha adorada mãe. Quando é que a tornarei a ver, e mais aos mais irmãos? Agora cuido que nos vão render...»

E dizem que os não renderam!

* * *

9 de Abril!

Nem Alcacer-Kibir, nem Aljubarrota. Nem Ourique, nem sequer Verdun.

Uma profecia, um destino. Uma Cruz!

Não vejam, oficiais que me estais a ler; não vejam, politicos que criaram a pagina do dever da guerra, — não vejam nisto derrotismo. Nem especulação literaria.

Nem um grito de revolta. A revolta que é a mais nobre das manifestações do homem, não a posso dar eu, que a não mereço.

Deu-a o soldado — indo. Indo para a guerra é que foi a revolta contra a covardia, contra a miseria moral dos que não quizeram ir, dos que já não tinham em si germens de bravura ou de lealdade para irem.

O 9 de Abril foi o triunfo das almas, em flôr, sobre o pantano da descrença estrangeira, uma descrença que nunca foi portuguesa, nem á sombra da fé das cruzadas, nem á sombra das bandeiras politicas, nos ciclos historicos e dinasticos da nossa Biblia.

O 9 de Abril foi a Paixão e morte da Beleza. Faz hoje sete anos, apagou-se nos olhos dos nossos rapazes, o sonho que eles levavam consigo dos litorais de areias de ouro, das serras de cumes cinzentos, dos vales da verde e humida alegria virgiliana.

Cristo, o doce Nazareno da raça portuguesa, com seus três mil corações de namorados, morreu para salvar isto, isto que anda para aqui, esquecido já desse Cristo eterno, que é o povo.

Vejo hoje, precipitando a sexta-feira liturgica de Cristo morto na Cruz, o nosso soldado sacrificado aos deveres politicos de uma guerra — que ele não sabia o que era.

Vejo, aos pés da Cruz, na hora solitaria da tardinha, a Virgem Maria, Nossa Senhora, chorando aos pés do Filho. Vejo as mulheres de Nazaré, sinto as suas lagrimas, aspiro os perfumes balsamicos do nardo e geranio trazidos de Ebron.

Elas são as noivas, as mulheres, as irmãs. Ela é, a Virgem Maria — a Mãe do nosso soldado desconhecido.

Para que a gente possa manter de pé a Batalha — Aleluia! Aleluia da nossa Patria! — são precisas de vez em quando estas paginas gloriosas e tristes escritas com o sangue e com as lagrimas dos nossos soldadinhos. Se ainda sei rezar — eu rezo.

9 de Abril. Quinta-feira santa da Paixão dos portugueses.

Norberto de Araujo

A Cidade

Chá das cinco

Pensamentos

Vemos a Cruz no Calvario,
Como simbolo da préce.
Tudo passa, tudo é vario,
E só a Cruz permanecece.

Não devo fugir da Cruz,
Lá porque sou pecador...
Um ladrão foi perdoado,
Mesmo ao lado
Do Senhor!

Fiquei só no meu Calvario,
De que tu ergueste a Cruz...
Que admira que me negues,
Se Pedro negou Jesus?...

Anda a gente sempre em guerra,
Cada um com seu tormento...
O proprio Deus, vindo á terra,
Foi votado ao sofrimento.

O teu filhinho descalço
Não lastimes, pobre mãe!
Porque Jesus, pequenino,
Andou descalço tambem.

Jesus, para dar a todos
As suas eternas leis,
Foi nascer entre os humildes,
Mas descendia de Reis...

Jesus morreu por amor...
Deu-nos o seu coração...
—E aos tormentos do Senhor
Chamámos nós a «Paixão»!

Semana Santa de 1925

Maria de Carvalho

A TRAGEDIA DE BARCARENA

O ultimo voo do "Breguet 13,,

é narrado ao "Diario de Lisboa,, pelo tenente Caldas

Da tragedia de Barcarena, que enlutou a Aviação e o jornalismo, resta apenas uma testemunha: o tenente Luis Caldas, que, no desastre, ficou gravemente ferido.

O tenente Caldas, que tem estado sempre n'uma dependencia da enfermaria de S. Francisco, do hospital de S. José, manifestou desejos de ser transportado para sua casa. Não porque, tanto os medicos, como todo o pessoal, não tenham tido sempre por ele os mais carinhosos cuidados, mas porque o valoroso oficial deseja estar mais socegado e no meio dos seus.

O desejo de voar

Uma nota que demonstra bem a coragem e a dedicação do tenente Caldas pela quinta arma: Constantemente, a todas as pessoas que lhe teem falado, o bravo oficial mostrou sempre uma unica preocupação: a Escola de Sintra, a Escola onde quere ir tirar o seu *brevet* de piloto...

—Quando abrirá? Irei a tempo?... Quero que me guardem o meu lugar...

E foi preciso que o general Domingues, o major Cilka Duarte e o capitão Moura lhe assegurassem que, em qualquer altura, entraria na Escola, com todas as regalias que a sua bravura e a sua perseverança merecem, para que ele socegasse o seu espirito, ancioso de novos vôos.

O vôo da morte

Quando hoje entrámos na enfermaria de S. Francisco, estava-se preparando o transporte do bravo oficial para sua casa, que se efectuou numa maca, devido ao seu estado.

Presentes, o director dos hospitais civis sr. dr. João Pais de Vasconcelos e todos os medicos que, dedicadamente, têm tratado do arrojado militar.

Seu pai, o coronel Caldas, estava á sua cabeceira.

O ferido, ao reconhecer-nos, esboçou um sorriso e estendeu-nos a mão...

Tem a cabeça amarrada, o corpo todo ligado ainda. Fala suavemente, como quem não está ainda capaz de grandes esforços:

—Está melhorsinho?

—Ainda tenho muitas dores. Parece que levei uma grande data de pancada.

—Você lembra-se do que aconteceu?

—Muito pouco... Com muito esforço, vou-me recordando... Mas preciso que me ajudem...

—Conte-me aquilo de que se lembra...

—O Mario Graça, que eu não conhecia, queria ir com o Pissarra. Mas este já me tinha convidado. Disse-lhe: «Como você nunca voou, eu vou tambem, e sirvo lhe de «cicerone».» Assim foi. Mario Graça tomou o lugar de observador e eu sentei-me em baixo, entre as suas pernas.

Lisboa a 800 metros

Até onde acompanharam o «Breguet 15»?

—Até ao Barreiro. Voltámos sôbre o rio e, quando já estavamos sôbre Lisboa, apontei ao Mario Graça o «Breguet 15», que ainda se via ao longe, muito pequeno...

—Voaram sôbre a cidade?

—Voámos, para que Mario Graça tivesse uma impressão mais interessante. O seu camarada ia muito sereno. Gostou do passeio... De vez em quando ficava admirado, quando lhe dizia: «Isto é a praça de toiros. Isto é o Castelo... Isto é Monsanto...»

—A que altura voavam?

—A oitocentos metros.

—E o motor funcionou sempre bem?

—Sim. Não houve qualquer anormalidade... De Lisboa seguimos para a Amadora, afim de aterrarmos...

Como se deu o desastre

—Lembra-se de passar na Amadora?

—Lembro-me... Mas depois... Não ha maneira de me recordar... Tenho a impressão de que ao passar sôbre a Amadora levei uma data de cacetada e perdi os sentidos...

—Mas veja se pode reconstituir o desastre...

—Ajude-me a recordar...

—Para aterrarem, segundo a praxe, contra o vento, tiveram que dar uma volta... Por isso estiveram sôbre Barcarena... Não se lembra de ter visto Barcarena?

—Não. Só me lembro de ver Barcarena quando levantámos vôo...

—Quando passaram na Amadora, a que altura iam?

—A 200 metros.

—A que atribue o desastre?

—Não posso bem afirmar-lhe qual a razão...

—A hipotese mais provavel é a de uma perda de velocidade, provocada por um golpe de vento na aza levantada para a volta...

—Sim deve ter sido isso... Um golpe de vento contrario... A perda de velocidade... a queda sôbre a asa... o afocinhamento do aparelho...

Os que morreram...

—Não se pode atribuir o desastre a qualquer precipitação do piloto?

—Nem pensem nisso. O meu querido camarada Pissarra era de uma serenidade admiravel. Piloto magnifico, nunca se precipitava... Era um dos nossos melhores aviadores...

Durante muito tempo, ocultaram-lhe qual tinha sido a triste sorte dos outros tripulantes do avião da morte—dêsse «Breguet 13» que é hoje um montão de destroços, mas que continua sendo um espectro...

Mas o tenente Caldas adivinhou... Adivinhou que nunca mais os poderia vêr, arrefecidos para sempre os seus corpos, fechados para sempre em caixões de chumbo...

E ainda hoje nos perguntou:

—O Pissarra não chegou a dizer nada?

—Não. E o Mario Graça tambem se limitou a murmurar, no meio do delirio...

—Eu tenho muita pena do Mario Graça. Mas ainda tenho mais pena do Pissarra. Tão bom rapaz... Uma joia. E um aviador admiravel. Demais, eu tinha razões especiais para lhe querer muito. Fui com ele que eu passei as horas mais graves, no ar...

—Conte...

—Uma vez, uma *panne* sobre Barcarena. Outra vez, entre densas nuvens, sem vermos o campo, perdidos... E de ambas as vezes a sua serenidade invulgar nos salvou. Só desta vez... Tinha que ser!

—E agora?

—E agora, logo que estiver bom — para a Escola de Sintra, a tirar o *brevet* de piloto!

Com estas palavras se despediu de nós este admiravel rapaz que viu a Morte de perto — e que não se assustou...

OS LEGIONARIOS VERMELHOS

O caso do cobrador e as visitas feitas aos Bancos

Sobre o assalto de que foi victima o sr. Eduardo Costa, caixa da Sociedade Comercial de Pescarias, por parte de um grupo de filiados na «Legião Vermelha», Alvaro Damas, Mario Fontainhas e José d'Almeida Figueiredo, que o agrediram e lhe roubaram uma mala com 116 contos, sabemos que alguns agentes da policia de investigação procederam a noite passada a varias diligencias que não deram o resultado desejado.

O preso Mario Fontainhas foi, durante a noite passada e parte do dia de hoje, largamente interrogado. Ao que nos consta, fez importantes declarações, com as quais se liga a diligencia importante que acima mencionámos.

O Damas e o Figueiredo têm sido sujeitos a varios interrogatorios, negando a acusação, apesar de terem sido já reconhecidos pelas testemunhas presenciais do assalto.

O mais curioso, porém, é que o Fontainhas não fôra ainda reconhecido.

As visitas ás casas bancarias

Acerca dos assaltos ás casas bancarias, temos conhecimentos de que, na policia, existe apenas uma queixa apresentada pela Casa Burnay, da rua dos Fanqueiros.

Como suspeita de fazerem parte do grupo dos assaltantes, encontram-se presos Arsenio José Filipe e Manuel Soares «O Manuelinho do Intendente», os quais têm sido largamente interrogados, negando sempre a acusação.

Não ha, de facto, provas contra eles, em consequencia de não ter ainda aparecido pessoa alguma que os acuse.

As providencias das autoridades

Sabemos que as autoridades vão proceder energicamente contra os individuos conhecidos como inimigos da sociedade, sendo este importante assunto debatido ontem á noite, numa conferencia entre os srs. presidente do ministerio, dr. Crispiniano da Fonseca, director da P. S. E. e comandante da policia, sr. tenente-coronel Ferreira do Amaral.

Duas cartas

Da casa Henry Burnay & C.ª, recebemos uma carta, de que transcrevemos a parte essencial:

«Efectivamente, na segunda-feira d'esta semana, apresentaram-se, nos nossos escritorios, trez d'esses individuos, que, a pretexto de estarem encarregados de obter fundos com destino que não declararam, e invocando terem já recebido algumas quantias de outros estabelecimentos, cujos nomes não vêem ao caso, mas que serão indicados á policia de investigação criminal, solicitaram (não exigiram) que esta casa contribuisse para esse fim.

Perante a atitude de negativa da pessoa que se encarregou de os atender e a d'aqueles que, assistentes da scena, se mostraram dispostos a dar-lhes resposta condigna, se das solicitações passassem ás exigencias, retiraram em boa ordem».

Tambem da casa Borges & Irmão recebemos uma carta, em que se declara:

«Para elucidação e abono da verdade, vimos pedir a v. a fineza de publicar, no noticiario d'esse jornal, a informação que: «não tem fundamento a noticia dada por alguns jornais de que a casa Borges & Irmão tenha sido victima de qualquer assalto.»

A Cidade

UMA RECITA SENSACIONAL

E' a 20 deste mês a grande festa de arte em S. Carlos

A recita sensacional de S. Carlos, a que nos temos referido, realiza-se na segunda-feira, 20 deste mês.

Repetimos que constitue um lindissimo espectaculo de teatro e de arte, com o interesse maximo de ver reunidas na mesma noite as duas grandes actrizes da scena portuguesa, Lucilia Simões e Amelia Rey Colaço.

A insigne criadora da «Casa em ordem», entre nós, a formidavel peça inglesa de Pinero, interpreta a lindissima peça de François Coppée. «Le passant», num «travesti»

«LA GOYA»

que Sarah Bernhard criou com formidavel exito. A tradução é do falecido escritor Alves Crespo, em versos modelares. Na peça, que está sendo ensaiada pela eminente professora e grande artista Lucinda Simões, entra, além de Lucilia Simões, a distintissima actriz Maria de Vasconcelos, que criou em Portugal a linda peça «Leque de lady Margarida».

Amelia Rey Colaço, criadora de tão bela figura do moderno teatro português, vai desempenhar a peça inedita de Norberto de Araujo «Oh fonte de agua cantante», episodio originalissimo e cheio de beleza, firmado sob versos de Augusto Gil, e cuja dificuldade de interpretação, a par de uma emoção intensissima de entrecho, são um grande motivo de atracção.

Entram mais na peça a distintissima actriz Emilia de Oliveira, que gentilmente vai representar um papel cheio de ternura, e o ilustre actor Robles Monteiro, que na encenação do novo original põe todo o seu carinho artistico e proficiencia. Nesta peça entra ainda um notavel amador de canto, que em Coimbra se celebrisou nas serenatas liricas do fado.

La Goya, que vem a Lisboa nesta unica noite, o que, como se compreende, representa um altissimo encargo, que não deixa de ser gentil, pois a grande artista conseguiu autorisação do Eslava de Madrid para estar em Lisboa uma unica noite, realisará oito dos seus encantadores numeros, onde passa a propria alma da Espanha, em canções dramaticas e alegres.

Acima de todo o reclamo, que o espectaculo dispensa, esta recita, protegida pela Direcção Geral de Belas Artes, promete ser o «clou» dos espectaculos portugueses desta primavera.

A direcção desta recita sensacional está entregue ao cuidado e escrupulo artistico do ilustre empresario e actor distintissimo Erico Braga. A marcação de bilhetes faz-se no proprio teatro de S. Carlos.

UM ATENTADO DINAMITISTA

A bomba que foi arremessada contra uma padaria da Estrela visava as caixeiras

Esta manhã, pelas 4 horas da madrugada, deu-se um atentado á bomba na Calçada da Estrela, que não causou vitimas, mas que determinou estragos e prejuizos enormes, alem de um panico indescritivel.

Deve ter sido uma das maiores bombas que tem rebentado em Lisboa. Vê-se que o progresso neste genero de destruição e terror caminha. E á hora que escrevemos, 3 horas da tarde, os autores do atentado não são conhecidos das autoridades, não tendo até a policia de segurança feito ainda a comunicação oficial á policia de investigação, cuja secção deve ser a 4.ª, da direcção do chefe agente Xavier.

—Ainda cá não consta nada... — disse-nos este dedicado agente ha poucos minutos.

* * *

A Companhia de Portugal e Colonias tem abertas ao publico varias padarias, espalhadas pela cidade, e nesses estabelecimentos prestam serviço ao balcão algumas caixeiras, com sua bata branca, de aparencia agradavel, muito delicadas, e que dão aos estabelecimentos, muito aceiados, uma bela nota de alegria.

Parece que é contra o facto de a Companhia ter ao seu setviço senhoras em vez de homens que se dirige a indignação barbara dos bombistas. Não sabemos se assim é. Mas as ameaças contra essas senhoras, aliás dignas do maior apoio publico, são constantes.

Na Calçada da Estrela, n.ºs 219 a 223 ha uma das tais padarias da «Nacional».

Ao fim da noite, começo da madrugada, chovia. Por ali não passava ninguem. O policia de serviço estava, seguramente, afastado do local, ainda que três minutos antes tivesse passado defronte da padaria, não se tendo apercebido de nada de extraordinario. Apenas três vultos haviam passado por ele. «Tanto podiam ser os criminosos como não» —explica.

Numa das portas havia um vidro partido desde ha dias por motivo das obras. O estabelecimento era o que se chama «um brinquinho». Por ali teria sido deitada a bomba, de rastilho, certamente. O certo é que apareceu tambem aberta a porta do lado, que dá para um compartimento onde dormia um empregado, que felizmente para ele, não estava na casa.

Como dizemos, a bomba rebentou ás 4 horas. Fez um estampido enorme, sobressaltando todos os moradores do populoso bairro da Estrela, tendo esse estampido sido ouvido quilometros em redor.

O estabelecimento ficou totalmente destruido. Não escapou coisa alguma. Balcão, paredes, tectos com pinturas e relevos a gêsso, balanças, prateleiras, montras, chão.

Um verdadeiro furacão de metralha. No andar por cima da padaria ha um colegio particular. Os moveis, entre os quais um piano, cairam com a violencia da deslocação do ar, e todo o edificio estremeceu. Nos outros andares, os estragos interiores foram tambem grandes. Os vidros das janelas e portas das casas fronteiras quebraram-se, ainda os dos quartos andares. E minutos depois, como se compreende, toda a gente, passado o primeiro minuto de receoso panico, estava ás janelas.

Os bombistas, protegidos com as sombras, e a chuva que caía copiosamente, tinham desaparecido.

* * *

De manhã, estiveram no estabelecimento os srs. Bugalho Pinto e Braga, directores da Companhia, e pouco depois um agente, que se informou das circumstancias em que foi cometido o atentado. As duas empregadas tambem estiveram toda a manhã no estabelecimento, aguardando ordens. Interrogadas sob a sua situação disseram:

—Não fazemos mal a ninguem. Não sabemos porque é isto.

—Mas diz-se que é contra os directores da Companhia...

—Tambem não sabemos que mal fazem eles. As ordens que aqui dão é de servir bem o publico e de fornecer o pão aos preços da lei, sempre pezado como deve ser, e antes a mais que a menos.

E, com um sorriso de medo já vencido, as duas meninas lá ficaram aguardando ordens— ordens de uma nova bomba.

Um banquete

Um numeroso grupo de novos escritores e artistas, no intuito de estreitar entre si as suas relações pessoais e afirmar a solidariedade da sua inteligencia longe de grupos politicos ou capelas literarias, vai reunir-se numa serie de banquetes, o primeiro dos quais se realizará no sabado no Monumental-Club.

Tauromaquia

No domingo proximo realisa-se no Campo Pequeno a tourada de inauguração oficial da temporada. A cavalo, trabalham Ricardo Teixeira e Simão da Veiga, filho. O espada é Juan Luiz de la Rosa, que deve deixar em Lisboa belas recordações. Toureiam a pé Custodio, Agostinho, Felix, Raposo e J. Coelho e pelo espanhol «Angelillo». O cabo dos forcados é o valente José Luiz, de Alcochete. Os touros vêm da bem cotada ganaderia dos irmãos Terré, da Golegã.

Pelos teatros

Em Espanha

A Sociedade de Autores Espanhois, com sede em Madrid, em virtude da crise teatral que estão sofrendo aquêla e outras importantes cidades do visinho reino, tomou a iniciativa de um movimento que tem por fim estudar as razões de semelhante falta de publico nos espectaculos, a qual deu já motivo ao encerramento de cinco teatros em Madrid. Para a possivel solução do caso foi convocada uma reunião, que teve logar ontem e para a qual haviam sido convidados os representantes das seguintes colectividades: Associação da Imprensa, Sindicato dos Actores, Sociedade de Emprezarios, União Espanhola de Maestros e Pianistas, Associação dos Professores de Orquestra, Camara de Propriedade Urbana, Sociedades de Maquinistas e Tranviarios, Companhias de Electricidade, etc.

Teatro Novo

Estão-se ultimando as obras do Teatro Novo, que ainda este mês será inaugurado com a moderna comedia «Knock», de Jules Romains, uma das obras primas do moderno teatro francês. O desempenho que deve ser esplendido e a «mise-en-scène» da peça devem causar sensação. Pela primeira vez em Portugal são executados processos artisticos, de deslumbrante efeito decorativo.

Atrás do reposteiro

E' amanhã que chegam a Lisboa, no rapido do Porto, da noite, os artistas da celebre troupe de bailados russos «Eltzoff», que se compõe de 18 figuras, entre artistas senhoras e homens e o pessoal de indumentaria e maquinaria, vindo com eles todo o material scenico, guarda-roupa e scenarios.

—A companhia espanhola de operetas e zarzuela Pedro Barreto só volta a reaparecer no Avenida no proximo sabado, fazendo-o com a primeira representação da peça «Sol de Sevilla», com Dionisia Lahera e Juanita Fabra, nos primeiros papeis.

—Bastou anunciar-se que Nascimento Fernandes ia ter uma festa de homenagem no Politeama e logo os membros da comissão promotora dessa recita, que tem logar no dia 15, começaram sendo assediados com pedidos de bilhetes de todas as categorias do teatro, o que quere dizer que nessa noite ali se reunirá grande numero dos amigos daquele distincto artista.

—Uma das peças a representar no Sá da Bandeira pela companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, a seguir á comedia «Era uma vez uma menina...» será a peça italiana «Sentinela morta», na qual têm papeis Maria Matos, Mendonça de Carvalho, Maria Helena e João Lopes.

—Além da peça «Leitura e escrita», que será desempenhada por Lucinda e Lucilia Simões, completam o programa da festa de Armando Vasconcelos, «Le sangre forte», por Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro; «A volta do filho», por Jesuina de Chaby e Chaby Pinheiro; «O desquite», por Palmira Bastos, Henrique Alves e Nascimento Fernandes, fazendo de figurantes os artistas da companhia desse teatro; um acto de concerto, em que tomam parte a cantora Corina Freire, Auzenda de Oliveira, Nicolino Milano e Armando Saraiva, completando o espectaculo o 2.º acto do «Conde de Luxemburgo».

—Alice Pancada, que faz a sua festa na noite de 15, desempenhará na «Duqueza de Bal-Tabarin» o papel de «Iditt», amavelmente cedido pela sua colega Aldina de Sousa.

—Está em Lisboa o escritor dramatico e jornalista espanhol sr. D. Antonio de la Villa, que veiu convidar o actor Pedro Barreto a iniciar a exploração de um novo teatro que acaba de construir-se em Madrid e do qual é um dos empresarios.

—No sabado estreia-se, no Eden Teatro, um numero intitulado «Les 4 Sister Russel Girls», que se compõe de quatro raparigas inglesas que cantam e dançam canções e bailados ingleses e americanos.

DE LUTO

Armando Gonçalves

Faleceu hoje com 37 anos de idade, o sr. Armando Gonçalves, filho da sr.ª D. Virginia Rosa Gonçalves e do sr. Raymundo Gonçalves, já falecido, e irmão dos srs. Antonio Gonçalves, Carlos Gonçalves, empregado telegrafo-postal, Amadeu Gonçalves e Raul Gonçalves, realizando-se o seu funeral amanhã, a hora ainda não determinada, da rua dos Remolares, 35, 3.º, esq. A' familia enlutada envia o *Diario de Lisboa* sentidos pezames.

Companhia Ceramica de Telheiras

Relatorio do Conselho de Administração

SENHORES ACCIONISTAS

Em harmonia com as disposições estatutarias submetemos á vossa esclarecida apreciação as contas da gerencia da **Companhia Ceramica de Telheiras** relativas ao ano de 1924.

A laboração da fabrica correu este ano com bastante regularidade, tendo-se evidenciado tanto na perfeição como na economia do fabrico as vantagens dos melhoramentos já realizados. Estas não puderam, contudo, como seria para desejar, traduzir-se em lucros realizados, em virtude das despesas anormais que ainda houve de se fazer e da crise de vendas do ultimo trimestre.

Supomos que as novas gerencias, desafogadas já das dificuldades fabris por que temos passado nos ultimos anos, se poderão exercer facilmente com relativos resultados finais mais favoraveis.

Ao Conselho Fiscal agradecemos o seu valioso concurso.

A conta de ganhos e perdas acusou um saldo de **Esc. 12.056$85** que propomos seja distribuido como segue:

5 % para fundo de reserva legal	602$84
e a c./nova	11.454$01
	12.056$85

Terminaram os seus mandatos os vogais do Conselho de Administração Srs. Alvaro Cesar de Mendonça, efectivo; e Eduardo da Veiga Ferreira, substituto.

Lisboa, 18 de Março de 1925.

Os Administradores

Eduardo V. Villaça
Domingos Pereira Campos
Pedro Bordallo Pinheiro
Francisco Feliz Junior
Alvaro Cesar de Mendonça

Balanço em 31 de Dezembro de 1924

Activo

Acções em caução	25.000$00
Caixa	11.039$99
Devedores Geraes	178.200$26
Exploração	196.490$35
Lavoura	473020
Letras a Receber	5.314$50
Maquinas, Ferramentas e Utensilios de Fabrico	499.999$46
Moveis e Utensilios	16.537$42
Pagamentos Adeantados	1.991$41
Obras	14.678$41
Propriedades	393.152$76,5
Transportes	88.509$21,5
Total	1.431.386$98

Passivo

Capital	600.000$00
Conselho de Administração	3.193$55
Dividendos a liquidar	40.775$00
Credores Geraes	181.765$26
Fundo de Reserva	3.950$34
Gerencia c/Caução	25.000$00
Letras a Pagar	8.000$00
Pinto & Sotto Mayor	556.645$98
Lucros e Perdas	12.056$85
Total	1.431.386$98

Lisboa, 18 de Março de 1925.

Pela Companhia Ceramica de Telheiras
O Administrador-Delegado
Alvaro Cesar de Mendonça

Conta de Lucros e Perdas

Lucros

Lucros totais deste ano	570 713$27

Encargos

Despezas Gerais	126 021$11
Gastos da Fabrica	338.399$12
Juros e Descontos	61.906$40
Prejuizo de 1923	7.597$80
Em c/c. Saldos incobraveis	24.731$99
Saldo	12.056$85
Total	570.713$27

Pela Companhia Ceramica de Telheiras
O Administrador-Delegado
Alvaro Cesar de Mendonça

Parecer do Conselho Fiscal

SENHORES ACCIONISTAS:

O vosso Conselho Fiscal encontrou sempre em devida ordem as contas e livros, e poude constatar o louvavel saneamento nas contas a cobrar, arrumando de vez para a de prejuizos as julgadas incobraveis.

Isto e ainda outras proveitosas resoluções do vosso Conselho de Administração abrem facilidades ás gerencias futuras, do mesmo passo que manifestam o zelo da actual, o do seu Administrador Delegado, sr. Alvaro Cesar de Mendonça, cujo mandato agora terminou.

E se bem que as contas de ganhos e perdas se tenham encerrado com um saldo superior ao do ano findo, a verdade é que pelas razões expostas no relatorio da Administração, é nosso parecer se lhe dê a aplicação proposta; e assim temos a honra de vos propôr:

1.º—Que aproveis o relatorio e contas da gerencia relativas ao ano de 1924.
2.º—Que aproveis um voto de louvor ao Conselho de Administração.
3.º—Que elejais os vossos vogais efectivo e substituto desse Conselho para preenchimento das vagas deixadas pelos que terminaram o seu mandato.

Lisboa, 25 de março de 1925.

Manuel Maria da Silva Bruschy
Paulo d'Almeida Corrêa Leite de Artagão

COMPANHIA CERAMICA DE TELHEIRAS

Assembleia Geral Ordinaria

Para cumprimento do artigo 19.º dos estatutos convoco a assembleia geral ordinaria a reunir na séde da Companhia, Largo do Directorio, 4, 2.º, pelas 15 horas do dia 18 do corrente.

Lisboa, 2 de Abril de 1925.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Carlos Barbosa

ESTRANGEIRO

RUSSIA

Faleceu em Bakunine o patriarcha Tikhon com uma angina pectoris

REVAL, 9

Faleceu no hospital Bakunine o patriarca Tikhon, que as perseguições do governo dos «soviets» tanto celebrisaram.

Em redor do cadaver do patriarca juntaram-se todos os metropolitanos de Moscou, e grande numero de pessoas, demonstrando o maior dos pesares.

O corpo foi revestido com as suas vestimentas ecleciasticas e com a mitra, sendo depois conduzido para o Mosteiro, dobrando a finados todos os sinos da cidade. O funeral realizar-se-ha no proximo domingo.

O patriarca será enterrado no Mosteiro de Donsky, onde viveu a maior parte da sua vida e onde prégou os seus mais celebres sermões.

Os metropolitanos reunirão esta noite para tratar do funeral do patriarca e para tomarem medidas tendentes ao levantamento da igreja na Russia.

O decreto

que separou a Igreja do Estado

A população de Moscou mostra-se pesarosa com o falecimento do patriarca que morreu com uma angina pectoris.

A sua constituição era robusta, mas as privações e os desgostos sofridos enquanto esteve preso á ordem do governo bolchevista enfraqueceram-no muito.

Com o seu falecimento, vão-se desencadear mais acesas as lutas religiosas entre os tikhonistas e os santos sinodo.

As disenções na igreja russa têm-se acentuado a partir de 1918, e foram originadas pela publicação de decretos sovieticos ácerca da separação da Igreja do Estado.

A campanha

do clero contra o bolchevismo

O paragrafo da lei de separação da Igreja do Estado que autorisou esta confiscação, diz o seguinte: «afim de garantir a liberdade religiosa das massas trabalhadoras, a igreja ficará separada do Estado e as escolas da igreja».

A liberdade religiosa e a propaganda religiosa é um direito reconhecido de todos os cidadãos.

Quando este decreto foi publicado, estava reunido um conclave de igreja russa que lançou um apêlo aos fieis ortodoxos, condenando este acto anti-religioso do governo bolchevista, incitando a população a protestar e a desobedecer e lançando anatemas contra o governo bolchevista.

As autoridades bolchevistas começaram imediatamente a pôr em pratica o decreto, tendo o clero começado uma violenta propaganda contra o governo.

Em 1921, o governo decretou a confiscação do tesouro das igrejas para ajudar os famintos, tendo a igreja ortodoxa protestado novamente contra essa medida, e tendo o patriarca Tikhon ordenado a oposição e desobediencia aos decretos do governo.

Nalgumas cidades houve disturbios, tendo o governo por esse motivo ordenado a prisão do patriarca.

Durante o tempo em que esteve preso o pratriarca recebeu varias manifestações de simpatia, tendo-se por fim reconciliado com o governo bolchevista. — (R)

EM ORLÉANS

Depôem no julgamento de Sadoul Albert Thomas e o embaixador dos soviets em Londres

Continua em Orleans o julgamento do capitão Jacques Sadoul.

Jules Destrée, ministro belga, declarou que em 1917, a Russia não poderia voltar á guerra.

Foi ouvido em seguida Albert Thomas director do Bureau Internacional do Trabalho que declarou que ao lado da acusação militar a Sadoul, ha tambem a acusação politica. A testemunha falou do papel excelente cumprido por Sadoul, antes de partir para a Russia, e fez um quadro daquilo a que chama a sua politica russa:

—Ela tem-se valido censuras. Ainda não escrevi as minhas Memorias; escrevê-las-hei talvez um dia; mas ha outras pessoas que se encarregaram de as fazer por mim, e por vezes, com muitas inexactidões. Eu não me lembro senão do primeiro gesto afectuoso e dos agradecimentos de Ribot, quando eu voltei da Russia. Era preciso manter a nossa situação. Todos os meus esforços foram conduzidos nesse sentido.

Tomas precisou a insistencia de Sadoul para partir com a missão Niessel, e examinou as condições em que ela seguiu. Falou depois na sua correspondencia com Sadoul:

—Nessa época, eu não era ministro. Que tinha eu a fazer? Comunicar as suas cartas aos responsaveis pela politica francesa? A Poincaré, presidente da Republica, e a Pichon, ministro dos Negocios Estrangeiros? Ora, o que aconteceu nesse momento? As informações de Sadoul não tardaram a estar em completo desacordo com as de Nouleus. Foi então que eu aconselhei Sadoul, para agir mais rapidamente, a telegrafar directamente para Pichon, sob o «controle» da embaixada.

Thomas fala então do famoso telegrama de Pichon a Sadoul: «Continuez seul relations avec bolcheviks». Este telegrama não foi recebido por Sadoul. Foi-lhe enviado ou foi guardado por Nouleus? Não se sabe.

—Apesar disso, da correspondencia privada, Sadoul passa assim a uma comunicação oficiosa com o governo francês. Desde o dia em que Sadoul foi aceite em Moscou, vê-se claramente que se tornou agente politico da missão. Era necessario não abandonar a Russia.

Thomas protesta energicamente contra uma acusação muitas vezes feita a Sadoul:

—Diz-se que ele não protegeu nenhum civil, nem nenhum militar francês. Pois bem! Tudo isso é falso. Os testemunhos abundam. Posso trazer aqui o de Scavenins. E quantos outros que eu podia arranjar e que me foram contados pessoalmente!

* * *

Depois duma suespensão da audiencia depuzeram o senador Poulle e o deputado Marcel Cachin.

No meio do silencio geral, depõe em seguida Rakowsky, embaixador dos «soviets» em Londres:

—Devido ás minhas funções oficiais, não tocarei na politica, mesmo antiga, dum governo actualmente amigo do meu. Eu posso dizer, duma maneira geral, que nessa epoca, os Aliados deram prova dum desconhecimento profundo dos homens e das coisas da Russia, e eu faço alusão aos acontecimentos, para explicar alguns factos que põem em evidencia a inteligente clarividencia de Sadoul.

Rakowsky declara que os «soviets», tanto antes como depois de Brest-Litowski, quizeram continuar a guerra. Evoca a descomposição do exercito alemão na Ukrania e a sabotagem da esquadra russa, para não poder servir ao inimigo.

Lembra os seus encontros com o acusado, em Agosto de 1918 e em Março de 1919:

—Jacques Sadoul não faz parte de nenhum «comité» nem de nenhum Estado Maior do Exercito Vermelho.

LONDRES

A falta de cumprimento do Tratado de Paz e o desarmamento alemão

LONDRES, 9

Respondendo ontem a uma interpelação na Camara dos Comuns, Austen Chamberlain, secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, declarou não estar ainda concluido o relatorio da comissão inter-aliada de fiscalisação militar, sobre as faltas de cumprimento das clausulas do Tratado de Paz relativas ao desarmamento da Alemanha, e que nenhuma decisão será tomada pelos aliados antes de terem conhecimento do texto do mesmo relatorio.

Interrogado por varios deputados sobre a evacuação de Colonia, Chamberlain desmentiu os boatos, segundo os quais, tal problema seria incluido na negociações para o «pacto de segurança das cinco potencias». — (L.)

A missão

dos tecnicos franceses em Londres

Em vitude da demissão de Clementel, escreve o «Dailly Telegraph», os tecnicos financeiros franceses que vieram a Londres para discutir com os seus colegas britanicos a questão da divida francesa, continuarão os seus trabalhos sob a maior reserva, em quanto não receberem instruções do seu novo chefe. — (H.)

A publicação

das memorias de lord Grey

«A Westminster Gazette» adquiriu o direito exclusivo de reproduzir certos artigos das memorias que lord Grey está publicando.

Este jornal começou já a publicação das passagens que se reportam aos acontecimentos que foram causa da guerra.—(H.)

Morte

de três tripulantes de um aeroplano

Quando se estavam fazendo exercicios de tiro ao alvo em aeroplano, ao largo da Ilha de Sheppey, o aeroplano pilotado pelo oficial Antonio Mason desceu rapidamente, não tendo o oficial conseguido evitar essa queda, de modo que o aeroplano penetrou nas aguas com o motor a toda a velocidade. O oficial-piloto e dois tripulantes morreram. — ( )

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

PELO "SPORT,,

Portugal IRÁ ao torneio latino de "foot-ball,, que é em Paris

A noticia que ontem publicámos sobre o convite feito a Portugal pela Federação Francesa de Foot-ball Association, para participar no torneio dos paizes latinos — noticia que causou sensação nos meios desportivos — tem hoje nestas colunas completa confirmação.

Datada de 20 de Março foi recebida no dia 24 do mesmo mês, na secretaria da União Portuguesa de Foot-ball, uma carta da sua congenere francesa, convidando-a para a disputa da «Coupe des Pays Latins», e rogando uma rapida resposta.

O periodo de transição porque passava a União Portuguesa e a que ontem nos referimos não permitiu a rapida resposta pedida pela «F. F. F. A.»

Na noite de ontem informaram-nos que poucas horas antes haviam tomado posse os directores recentemente eleitos para a União. A nova direcção reuniu-se imediatamente após o acto de posse e ontem á noite mesmo seguia para Paris, endereçado a M. Delaunay, da Federação Francesa, o seguinte telegrama:

«Acceptons en principe prendre part coupe pays latins. Remercions gentile invitation. Ecrivons justifiant retard réponse. Salutations empressés.
Secrétaire Union Portugaise Foot-ball.»

A carta a que se refere este telegrama dá as razões — já por nós explicadas — da demora na resposta; confirma a aceitação em principio, e diz serem esperados com grande interesse: os detalhes tecnicos e financeiros.

Lamentando que incidentes varios não tenham permitido o envio de mais rapidas noticias nossas á Federação Francesa, não podemos deixar de felicitar os novos dirigentes da U. P. F. pela decisão que tomaram.

Os desafios de ámanhã

Realizam-se amanhã os seguintes desafios internacionais:

A's 16 horas — «V. A. C.» de Budapesth contra «team mixto», no campo do Restelo.

A's 16,30 horas — «Wiener Sportklub» contra «Bemfica», no campo de Palhava.

Sport Lisboa e Bemfica

No proximo sabado, realiza-se, na séde deste club, em Bemfica, uma recita seguida de baile, subindo á scena «O Festim de Baltazar», «Uma Tragedia» e «O Primeiro Beijo», estando o desempenho a cargo dum grupo de distintos amadores, socios do mesmo club. E' grande o entusiasmo, e está quasi esgotada a marcação de logares.

Centro Espanhol

Recebemos da direcção do Centro Español, dez cartões para um bodo que vai ser distribuido a 75 pobres espanhois e 75 pobres portugueses na sua séde na rua Nova da Trindade, na presença do ministro e do consul de Espanha.

Em nome dos contemplados agradecemos.

O 9 DE ABRIL

A romagem ao tumulo do general Tamagnini de Abreu e a comemoração na Avenida

Foi imponentissima a romagem que o Exercito e a Armada fizeram hoje ao jazigo do saudoso general Tamagnini de Abreu — que foi o ilustre comandante do C. E. P. — no cemiterio do Alto de S. João.

A's 13 horas começaram a formar, na Praça Duque de Saldanha, contingentes de todas as unidades de Lisboa.

Cerca das 15 horas, chegou o cortejo ao Alto de S. João, tendo as forças entrado no cemiterio e formado á direita do jazigo do general Tamagnini.

O general sr. Garcia Rosado começou por prestar o seu preito de homenagem aos que tombaram nos campos da Flandres. Em seguida, traçou o perfil do general Tamagnini de Abreu, como soldado e comandante das forças do C. E. P.

— Se ele fosse vencido, teria uma tremenda responsabilidade por faltas que a outros pertenciam; mas, como a victoria o favoreceu, essa victoria é de nós todos.

Aconselhou o Exercito a seguir o exemplo do general Tamagnini.

Em seguida, o sr. ministro da marinha, presta em sentidas palavras de respeito e saudade, homenagem a todos os oficiais do exercito que morreram no cumprimento do seu dever. Exalta a bravura do nosso exercito, que teve de resistir ás divisões alemãs.

Terminados os discursos, os regimentos desfilaram perante o tumulo do general Tamagnini.

A partida do Chefe do Estado

Em comboio especial partiu esta manhã pelas 8,7, de Alcantara-Terra para Leiria, o sr. presidente da Republica, acompanhado dos srs. Presidente do Ministerio, ministros da Guerra e Interior, comandante Jaime Atiás, Luiz Barreto da Cruz, Viana de Carvalho e oficial ás ordens capitão sr. Florentino Martins.

Na estação, apresentaram-lhe as suas despedidas muitos elementos oficiais.

O comboio regressa a Lisboa pelas 22,13

A's 4 horas da tarde, foi dado um tiro de peça, sinal para os dois minutos de silencio. Os electricos pararam e os passageiros descobriram-se respeitosamente, o mesmo sucedendo com as pessoas que se encontravam nas ruas e que saiam das igrejas.

A comemoração na Avenida

No meio da Avenida da Liberdade, onde se encontra uma placa comemorativa da grande guerra, realisou-se uma homenagem, com a assistencia do sr. ministro da Marinha e de muitos oficiais. Assim que se ouviu o sinal para os dois ministros de silencio, foi descerrada uma corôa de bronze que se encontrava colocada na placa, coberta com a bandeira nacional.

Terminados os dois minutos de silencio, três soldados mutilados dirigiram-se para o local, perfilaram-se e com a mão esquerda fizeram sincera e respeitosamente a continencia, colocando ali um pequeno ramo de flores.

Em seguida, os adidos militares belga e francês tambem depuzeram um lindo ramo de flores.

O sr. ministro da Marinha fez um breve discurso, em nome do governo e do Chefe do Estado.

O aluno do Colegio Militar sr. Edgar Pereira Cardoso recitou uma poesia do capitão medico Alfredo Barata Rocha, dedicada aos soldados de Africa e de França.

O sr. Francisco Almeida Coelho, em nome da junta de paroquia do Camões, colocou um ramo de flores sobre o monumento.

A esposa e a filha do capitão Florentino Martins tambem depuzeram um ramo de flores sobre o monumento dos mortos da guerra.

Em seguida desfilaram em continencia, perante o ministro da Marinha, as forças do exercito.

No tumulo do «Poilu inconnu»

PARIS, 9. — O ministro de Portugal e o pessoal da Legação, foram hoje ao tumulo do «Poilu inconnu», onde deixaram uma corôa, prestando assim, neste dia as sua homenagens aos soldados portugueses mortos na guerra. — (H.)

QUINTA FEIRA MAIOR

AS IGREJAS foram hoje muito visitadas

Conjugaram-se hoje o patriotismo e a fé, numa aliança de emoção que era bem a revivescencia do nosso de heroismo antanho; lema de valentia e de crenças a perpetuar-se em nós como a ultima, e a mais gloriosa, e a mais engrandecedora reliquia sentimental do nosso passado imorredouro.

A' mesma hora em que nos templos se recolhiam as almas para meditar, no mesmo momento em que milhares de corações reviviam num intimismo grande de sinceridade, a tragedia sangrentamente redentora do Calvario, a cidade inteira — mais milhares de almas, em prece, mais milhares de corações em ansia, a legião imensa dos fanaticos da Patria, sedenta de justiça e sedenta de ideal — a um sinal que parecia ter partido do infinito, para despertar na consciencia dos homens um clamor vigente de verdade, estacou, petrificou-se... transformou se toda numa nave abandonada de catedral.

Resava-se na rua, tão intimamente, tão fervorosamente, sob a abobada intermina do ceu, como devia estar-se resando naquele minuto supremo em todas as capelinhas que alvejam humildes de extremo a extremo de Portugal.

E... como naquele triunfo colossal do coração sobre todas os sofismas do raciocinio, os homens tiveram de calar os seus odios, e esconder os seus rancores, e não falar por vergonha ou por medo, das mesquinharias reles que os dominam quando abandonados ao seu desvairo, operou-se um milagre sem igual.

Durante dois minutos não houve, lado a lado, duas creaturas que se atrevessem a exteriorisar a sua congenita pequenez. Sentimo-nos todos irmãos, demo-nos todos, instintivamente, um amplexo de reconciliação, tão lindo e tão grande, que foi como um juramento feito á beira de um tumulo.

Se fosse possivel conseguir que estes dois minutos de silencio se continuassem em anos seguidos de paz na contingencia do nosso viver colectivo!

Se até já nem pareciam precisos os templos para que as almas se recolhessem a orar, e a vibrar de fé, e a realentar-se de esperança nos destinos incertos da Patria!

OS ASSALTOS

A Policia TEM toda a organisação da Legião Vermelha nas suas mãos

Proseguem activamente as investigações da policia sobre as visitas de filiados na Legião Vermelha a varias casas bancarias. O sr. dr. Crispiniano da Fonseca tem já na mão todos os esclarecimentos ácêrca da maneira como foi roubada ao cobrador a mala com os 186 contos. Parte das suas investigações assentam sobre provas fotograficas.

O dinheiro foi distribuido pelos legionarios, indo ao que parece parte dele parar aos presos por questões sociais que se encontram em Monsanto.

O chefe Xavier foi esta manhã com uma brigada de agentes ao forte de Monsanto, passando uma minuciosa busca a todas as prisões.

A policia está da posse de toda a organisação da Legião Vermelha, apesar de lhe faltarem as provas dos ultimos assaltos que ela executou.

O *A'vante* e o *Bela Khun* já não se encontram no Porto.

Uma carta

Do sr. dr. Amancio de Alpoim recebemos a seguinte carta:

Sr. Director: — Em artigo publicado hontem, e referente á chamada «Legião Vermelha», informa o seu brilhante jornal textualmente, «*que dois conhecidos advogados, membros do Partido Socialista, com escritorio comum numa das arterias principais da cidade deram a esses individuos* (os da Legião Vermelha) *dezaseis contos, oito cada*».

Os dois advogados (toda a gente assim o compreendeu) seremos o Ramada Curto e eu.

Ora sucede que esta informação por v. recebida é inteiramente falsa. Ninguem nos procurou para nos pedir ou impôr a entrega de um centavo que fosse para a tal Legião Vermelha. E se em verdade somos capazes, felizmente, de auxiliar com dinheiro, na medida das nossas forças, quem de auxilio necessite, incapazes nos julgamos de subsidiar por qualquer titulo quem, pretextando ideologias revolucionarias, se dedique a comprometer a causa das esquerdas por violencias realizadas em mero proveito pessoal.

Pensamos, o Ramada e eu, há muito tempo que se a «Legião Vermelha» não existisse para pretexto de todas as reacções que por aí se projectam, seria preciso inventá-la.

Creia, na sincera admiração. — De v., etc. *Amancio de Alpoim.*

A Vida de Cristo

a sua exibição inicia-se hoje no Coliseu dos Recreios

Realizam-se hoje e amanhã espectaculos cinematograficos no Coliseu dos Recreios. O facto não pode passar despercebido ao nosso publico frequentador de cinema que é já hoje do mais numeroso e do mais culto de todo o mundo. As condições desta casa de divertimentos são, na verdade, de molde a justificar a anciedade com que o dia de hoje tem sido aguardado por quantos, entre nós, se interessam pela chamada Arte do silencio.

A primeira pelicula a ser passada no «ecran» da famosa casa de espectaculos da R. de Santo Antão, é a «Vida de Cristo», que se exibirá apenas nos espectaculos de hoje e de amanhã. Mas, por isso mesmo, que se trata de um arranjo absolutamente novo de um argumento que é já bastante conhecido, lhe queremos fazer uma referencia especial.

Na verdade, esta «Vida de Cristo» é, em tudo, muito diversa das peliculas desta natureza que até hoje se têm exibido no nosso paiz.

E, embora o motivo seja velho, a forma porque ele é tratado, é inteiramente nova e justificativa do sucesso que esta famosa pelicula lá fóra tem conseguido. Os organizadores destes espectaculos contam que o publico saiba corresponder ao seu esforço, compensando-se dos esforços envidados para bem o servir.